

O elemento gramatical “lo” em publicações didáticas brasileiras da década de 1940: Historiografia da Linguística e ensino de espanhol

Diego José Alves Alexandre *

Francisco Eduardo Vieira**

Resumo: Tomando por objeto da Historiografia da Linguística as formas de conhecimento construídas sobre a língua ao longo da história (ALTMAN, 2009), este artigo objetiva analisar a metalinguagem empregada em torno do elemento gramatical *lo* em materiais didáticos de espanhol publicados na década de 1940 no Brasil. Assim, selecionamos cinco fontes representativas desse período, sobretudo a partir da publicação de uma lei que fixava conteúdos de espanhol no sistema educativo brasileiro. Nos resultados, verificou-se nas obras uma difusa variedade taxonômica e de possibilidades de uso do *lo*, que são refletidas nos livros didáticos e nas práticas docentes até os dias atuais.

Palavras-chave: Historiografia da Linguística. Materiais didáticos de espanhol. Década de 1940.

Abstract: Taking as object of the Historiography of Linguistics the forms of knowledge constructed about the language throughout history (ALTMAN, 2009), this article aims to analyze the metalanguage used around the grammatical element *lo* in Spanish teaching materials published in the 1940s in Brazil. Thus, we selected five books representing that period, mainly from the publication of a law that fixed Spanish content in the Brazilian education system. The results show there is a diffuse taxonomic variety and possibilities of use of the neuter *lo*, which are reflected in textbooks and teaching practices up to the present.

Keywords: Historiography of Linguistics. Spanish teaching materials. Forties.

Resumen: Tomando como objeto de la Historiografía de la Lingüística las formas de conocimiento construidas sobre la lengua a lo largo de la historia (ALTMAN, 2009), este artículo analiza el metalenguaje empleado en torno al elemento gramatical *lo* en materiales de español publicados en la década de 1940 en Brasil. Seleccionamos cinco fuentes de este periodo, publicadas tras una ley que establecía contenidos de español en el sistema educativo. En los

* Professor de Didática e Ensino de Espanhol do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo – UFRN. <http://orcid.org/0000-0001-6021-5079>

** Professor do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística e do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB. <http://orcid.org/0000-0001-5076-4488>



resultados, se verificó en las obras una imprecisa variedad taxonómica y de uso del *lo*, aspectos hasta hoy reflejados en los libros de texto y en las prácticas docentes.

Palabras clave: Historiografía de la Lingüística. Materiales didácticos de español. Década de 1940.

Introdução

São muitos os desafios didáticos encontrados em torno do ensino de espanhol no Brasil. Há décadas, a suposta proximidade entre a língua portuguesa e a espanhola tem gerado a problemática ideia da “competência espontânea” (CELADA, 2002), ou seja, a noção de que a aprendizagem do espanhol é necessariamente fácil para um falante do português. Contudo, existe uma série de conteúdos de língua castelhana que geram dificuldades de ensino-aprendizagem em relação ao discente brasileiro. O elemento gramatical *lo*, muitíssimo difundido como artigo neutro, até hoje é um dos principais.

Pesquisas recentes ratificam essa questão, sobretudo quando voltam o olhar para materiais didáticos do espanhol no ensino básico. Eckert (2016), por exemplo, ao analisar como é tratado o elemento *lo* em 11 livros didáticos de espanhol, publicados a partir dos anos 2000, constatou, entre outros aspectos, que: a) falta uniformidade na exploração desse conteúdo ao longo do ensino médio, visto que algumas coleções trazem esse assunto apenas no volume 1, enquanto outras apenas no volume 2, e outras apenas no volume 3; b) há uma “incompletude do conteúdo”, isto é, nenhuma coleção didática explora, concomitantemente, as formas e os usos do *lo* em seus aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos; c) existe uma miscelânea, quanto à indicação do uso, nas explicações contidas nos livros estudados, a respeito da classe gramatical da palavra que deve suceder esse artigo.

Numa abordagem contrastiva, Masip (2010) considera o *lo* como um fósil idiomático, uma vez que não há, tanto no português quanto no espanhol, nomes neutros. Segundo o autor, estudando-se o uso desse elemento gramatical em paralelo com o artigo português masculino, por exemplo, será possível notar que ambos são compatíveis na maior parte dos contextos. No entanto, para o autor, a originalidade do

neutro espanhol diante do artigo português talvez esteja “en el rasgo de intensidad, cualidad, o matiz que puede transmitir” (MASIP, 2010, p. 132).

Masip (2010) confronta e relativiza o generalizado paralelismo entre os elementos gramaticais que pertencem à classe artigo em espanhol e em português, ideia esta preconizada em muitos manuais brasileiros de ensino de espanhol. Com base nessa constatação, a de que geralmente o *lo*, no Brasil, é ensinado como artigo, concordamos com Masip acerca da necessidade de se ter cautela no contraste entre o espanhol e o português, no processo de ensino-aprendizagem-avaliação desse elemento. Isso porque a experiência de um dos autores deste artigo como formador de professores dessa língua estrangeira tem apontado que o aluno brasileiro, por considerar que seu idioma materno abriga apenas dois tipos de artigo (o masculino e o feminino), quase sempre transfere a relação desinênciagênero para a aprendizagem do espanhol – justamente por acreditar que o *lo* é um artigo neutro. Ou seja, se no português o artigo feminino “a” geralmente é empregado para substantivos femininos e o artigo “o”, para substantivos masculinos, logo o *lo*, supostamente e equivocadamente, na visão discente, desempenhará também a mesma função que o artigo masculino do português. Isso também é apontado por Masip (2005, p. 219), em estudo anterior, ao dizer que para o estudante brasileiro custa usar o *lo* e que “al comienzo de sus estudios, no consigue emplear el artículo masculino singular el niño. Suele decir lo niño”.

A problemática que levantamos acima, bem como suas consequências para a pedagogia do espanhol no Brasil, pode carregar relação com o que Koerner (1996) chamou “a questão da metalinguagem”¹. Para o estudioso, situado no campo da Historiografia da Linguística (doravante HL), os escritores/pesquisadores, ao tentar levar à atualidade conceitos do passado, promoveriam inúmeras e sérias distorções na história da Linguística. Para superar esse problema, de acordo com o autor, é necessário adotar três princípios: contextualização, imanência e adequação. Desenvolveremos esses três princípios mais adiante.

Assim, queremos dizer que talvez o problema do ensino do elemento gramatical *lo*, no Brasil, ademais do que já vínhamos considerando a esse respeito ao longo dos

¹ Em texto mais recente (KOERNER, 2014), o autor preferiu chamar de *O problema da metalinguagem na historiografia linguística*.

anos, também pode estar atrelado a como seu conceito fora construído em materiais didáticos de língua espanhola publicados no país. Portanto, o objetivo central deste artigo é o de analisar a metalinguagem gramatical utilizada para tratar o *lo* em materiais considerados inaugurais da didática da língua espanhola no Brasil. Com este estudo, esperamos lançar algumas hipóteses sobre a relação entre a construção metalinguística desse elemento gramatical do castelhano e seu ensino a brasileiros.

O problema da metalinguagem numa perspectiva historiográfica

A Historiografia da Linguística tem sido definida como um campo da Linguística que, a partir de modelos metodológicos próprios, objetiva construir explicações sobre como um determinado conhecimento sobre a língua foi formulado, difundido, preservado, ensinado e até mesmo esquecido dentro de um contexto sociocultural. Para Swiggers (2009, p. 68-69), a HL estuda “el conjunto cronológico y geográfico de los acontecimientos, los hechos, los procesos de conceptualización y de descripción, y los productos que han moldeado tradiciones de pensamientos y de quehacer lingüísticos”. Nesse sentido, interessante o destaque feito por Altman (2009, p. 129) quando afirma que a vocação da HL é reflexiva e que justamente esse aspecto determina seu objeto: “não é a linguagem [o objeto da HL], mas sim as formas de conhecimento que foram construídas sobre a língua, no eixo da história”.

Todos os pressupostos acima, além de caracterizarem essa disciplina, lhe dão uma complexidade que não pode ser esquecida numa análise historiográfica. Isso porque a história das ideias sobre as línguas e a linguagem é feita por movimentos de rupturas e de continuidades, os modelos teóricos sobre as línguas são parciais ou integralmente superados e a construção de manuais, gramáticas, dicionários, retóricas, entre outros instrumentos linguísticos², modificam-se, ampliam-se ou apagam-se conforme certos pensamentos em certos contextos.

² “Instrumentos linguísticos” é como são conhecidas as fontes que, em sua essência, são responsáveis pelo processo de gramatização no Ocidente. “Gramatização”, segundo Auroux (1992, p. 65), é o “processo que

É nesse sentido, então, que a metalinguagem é uma questão (e um “problema”) da Historiografia da Linguística. Citando Alfred Tarski (1956) – filiado à lógica e às ciências naturais –, Koerner (2014, p. 77) conta que a esse pensador foi atribuída a primazia do termo metalinguagem como um “tipo mais técnico, mais coerente e mais abstrato de linguagem do que aquele a que nos referimos (embora de forma não bastante satisfatória) como ‘linguagem natural’”. Nesse sentido, ainda de acordo com Koerner, Tarski (1956) havia entendido que é necessária a “distinção entre o idioma sobre o qual falamos e o idioma em que falamos”.

Ampliando essa noção, Swiggers (2010) comenta que a metalinguagem se diferencia da linguagem comum por se referir ao campo científico e observá-la em seus níveis lexical, semântico, sintático e pragmático. Pelo fato de ser produzida por sujeitos históricos, a metalinguagem também estaria à mercê de contextos ideológicos, ontológicos e epistemológicos (DANNA, 2014) e, assim, suscetível a sofrer sensíveis alterações. Alonso (2012) afirma que os termos gramaticais, embora relativamente estáveis na história da gramática ocidental, também são vulneráveis à variação conceitual quando deslocados do contexto greco-latino para um novo contexto.

Ciente dessa problemática a que o trabalho historiográfico está submetido, Koerner (1996) considera que, para a análise de fontes produzidas em períodos anteriores ao do analista, é preciso estabelecer, o “clima de opinião” daquele momento em que a fonte foi produzida. Esse procedimento foi chamado por Koerner (1996) de princípio da contextualização. A próxima fase, ainda segundo o autor, é a construção de um entendimento completo – histórico e crítico – e interno da fonte em questão, afastando-se, o pesquisador, das possíveis “certezas” da sua formação linguística individual. Essa acepção foi chamada de princípio da imanência. O terceiro e último princípio, o da adequação, seria aplicado a partir da introdução, com cautela e com procedimentos explícitos, de um quadro conceitual em que houvesse aproximações

conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua com base em duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares do nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (itálicos do autor). No Brasil, Orlandi (2001) amplia e ressignifica o espectro de *instrumentos linguísticos*, considerando não apenas gramáticas e dicionários, mas também outras instâncias de instrumentação, como é o caso do livro didático.

entre o objeto pesquisado e as teorias do tempo presente. A aplicação desse princípio só seria apropriada quando os dois primeiros já tivessem sido contemplados.

Para perseguir tais princípios, o pesquisador não pode esquecer que é um sujeito da atualidade e que, portanto, sua interpretação está relacionada a essa condição, ainda que com vigiada cautela. É por isso, então, que a metalinguagem é uma questão historiográfica que exige atenção: para além de constatar o conteúdo de um documento, a partir da análise historiográfica da metalinguagem é possível recuperar pontos de vista acerca da linguagem na esteira da história.

Neste artigo, não pretendemos, até por uma questão de espaço, aprofundar comentários sobre as origens do *lo* espanhol, tampouco detalhar seus usos nesse idioma. Objetivamos, centralmente, conhecer e analisar a metalinguagem empregada em torno desse conteúdo gramatical quando voltado ao público discente brasileiro no chamado *boom* das produções didáticas do espanhol, nos anos 40 do século XX. Sobre essa e outras questões historiográficas, discutimos a seguir.

Metodologia: seleção das fontes

Antes de tudo, é fundamental observar a história do ensino de espanhol e a história das políticas educativas como processos em desenvolvimentos paralelos. Apesar de a historiografia do ensino do castelhano apontar que no final do século XIX já existiam ações que impulsionavam essa língua dentro do sistema escolar (cf. GUIMARÃES, 2016), foi no século XX, precisamente em sua primeira metade, que ao espanhol foi conferido um lugar de destaque – embora esse fato necessite de problematizações, sobretudo no tocante a esse efetivo “lugar de destaque”. Prova disso foi a publicação, em 03 de fevereiro de 1943, da portaria ministerial 127, consequência direta da Reforma de Capanema, Decreto-Lei que, entre outros feitos, instituiu o espanhol como língua obrigatória no sistema educativo brasileiro e recebeu este nome por causa do então ministro da educação Gustavo Capanema (1900-1985).

Com a portaria 127, que fixou conteúdos de língua espanhola que deveriam ser ministrados nos cursos clássico e científico do ensino secundário brasileiro, um verdadeiro *boom* editorial se concretizou durante a década de 1940³. A produção de livros de gramática para fins didáticos, bem como para a leitura de textos seletos da literatura espanhola e hispano-americana, ganhou fôlego inimaginável desde a produção e publicação da *Grammatica da lingua espanhola para uso dos brasileiros*⁴ (1920), de Antenor Nascentes⁵, considerada a primeira gramática de espanhol publicada no país. Assim, de 1943 a 1949, 24 livros de língua e literatura espanholas estavam disponíveis para a adoção nas salas de aula por alunos e professores brasileiros.

Abaixo, listamos os livros de ensino de espanhol publicados durante essa profícua década. Note-se que os títulos destacados em cinza sinalizam as fontes que versavam sobre conteúdos exclusivamente de língua espanhola; ou seja, são, por assim dizer, gramáticas. Também estão destacados em cinza os materiais que não fazem com exclusividade uma abordagem linguístico-gramatical do espanhol, mas que estão divididos em duas partes: uma de língua e outra de literatura espanhola/hispano-americana. Os que tratam unicamente da literatura de língua espanhola não foram considerados neste estudo:

Quadro 1 – Publicações didáticas de espanhol da década de 1940

Título	Autor	Editora	Ano
Florilegio Castellano	Adolfo Pozo y Pozo	Livraria Francisco Alves	1943
Gramática española	Adolfo Pozo y Pozo	Livraria Francisco Alves	1943
Lengua española: método gramatical y ejercicios adaptados al programa oficial	Alfredo Lamarque Madrigal	A Coelho Branco F	1943

³ Entre outros trabalhos, a constatação desse *boom* pode ser conferida no relatório final de uma pesquisa do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), orientada pela professora Luciana Freitas (UFF) em 2013, e intitulada *Manuais do Professor de livros didáticos de espanhol: memória e prescrição*.

⁴ A esse respeito, cf. Alexandre (2019).

⁵ Antenor Veras Nascentes (1886-1972) foi um filólogo, etimólogo, dialetólogo e lexicógrafo brasileiro. Apesar de neste artigo merecer destaque pela escrita de um material para o ensino de espanhol, Nascentes também é reconhecido pelo que produziu para o estudo da língua portuguesa, como as obras *O linguajar carioca* (1922), *Noções de estilística e literatura* (1929), *Estudos filológicos* (1939), *Expansão da Língua Portuguesa no Brasil* (1939), *Dicionário Básico do Português do Brasil* (1949) etc.

para los cursos clásico y científico			
Antologia espanhola e hispano-americana	Antenor Nascentes	Livraria Editora Zelio Valverde	1943
Compêndio de literatura espanhola e hispano-americana	Idel Becker	Companhia Editora Nacional	1943
Espanhol, pontos gramaticais e trechos para exercícios	Idel Becker	Edições Êlo	1943
El español del colegio: programa de la primera serie de los cursos clásico y científico	Beatriz Magalhães de Chacel	Companhia Editora Nacional	1944
El castellano contemporáneo (gramática y texto): para uso de los colegios brasileños	Cândido Jucá (Filho)	Editora Panamerica	1944
La lengua española – para o 2º ciclo	João de Souza Ferraz; Gastón Figueira	Editora Didática Brasileira	1944
Antología española	Leônidas Sobrino Pôrto	Companhia Editora Nacional	1944
Gramática castellana – para uso nos cursos dos colégios brasileiros	Raul Gil Lagomarsino	A Nação	1944
Lectura castellana: trozos selectos, en prosa y verso, sacado de los mejores escritores españoles e hispano-americanos	Frei Sebastião da Silva Neiva	Vozes	1944
Gramática castellana	Vicente Solana; Bento Bueno de Morais	Edições e publicações Brasil	1944
Manual de espanhol: gramática, história literária, antologia) – curso completo para os exames de licença	Idel Becker	Companhia Editora Nacional	1945
Lecciones de español	Júlio do Amaral	Livraria Francisco Alves	1945
Verbos castellanos	Décio de matos Nogueira; Enio Sandoval Peixoto	Editora Anchieta S.A	1945
Sugestões para execução do programa de espanhol – cursos clássico e científico em 55 aulas	Idel Becker	Companhia Editora Nacional	1945
Nociones de gramática española y textos españoles para análisis literario	José Hernández	Editora Anchieta S.A	1946
Español básico – para os cursos clássico e científico	José Ramón Calleja Alvarez	Editora do Brasil S/A	1946
Español: gramática y antología	Aristóteles de Paula Barros	Companhia Melhoramentos de São Paulo	1948
Letras castelhanas: pequena seleção de poetas e prosadores hispano-americanos	Raul Gil Lagomarsino	Oficinas Gráficas da Livraria Selbach	1948
Método prático de espanhol sem mestre	Raul Reinaldo Rigo	Livraria H. Antunes	1948

Roteiro do curso de espanhol para principiantes	Aristóteles de Paula Barros	Departamento de Imprensa Nacional	1949
Literatura hispano-americana	Manuel Bandeira	Irmãos Potengi	1949

Fonte: Guimarães (2018) e Guimarães e Freitas (2018), adaptado.

Isso posto, procuramos selecionar os títulos que foram publicados nos anos de 1943, 1945, 1947 e 1949. Inicialmente, consideramos esse intervalo de dois anos dentro da década na tentativa de garantir equilíbrio na representatividade das fontes ao longo desse interstício de dez anos. Contudo, há alguns fatos no quadro 1 que nos chamaram a atenção e que mereciam ser levados em conta: a) 1944 é o ano mais fértil de toda a década, abrigando 5 publicações de língua espanhola; b) 1947 é um ano em que não há publicações direcionadas para o espanhol no ensino secundário brasileiro; c) 1949 é um ano pouco representativo, com apenas uma obra voltada para a língua espanhola. Assim, aprimoramos nosso critério inicial e a escolha dos anos/obras se deu pela aplicação dos novos critérios:

- a. escolha de uma obra de 1943, já que foi o ano inaugural dessas publicações;
- b. escolha de duas obras de 1944, já que este foi o ano mais fértil desse conjunto de publicações ao longo da década de 1940;
- c. escolha de uma obra de 1945, obedecendo o biênio 1943-1945;
- d. escolha de uma obra de 1948, desobedecendo o biênio 1945-1947-1949 e criando-se uma média entre os anos 1947 e 1949, já que em 1947 não houve publicações e em 1949 houve apenas uma publicação.

Estabelecidos esses quatro critérios, eis a seleção:

Quadro 2 – obras escolhidas para a análise

Título	Autor	Editora	Ano
Gramática Española	Adolfo Pozo y Pozo	Livraria Francisco Alves	1943
El castellano contemporáneo (gramática y texto): para uso de los colegios brasileños	Cândido Jucá (Filho)	Editora Panamerica	1944
Gramática castellana – para uso nos cursos dos colégios brasileiros	Raul Gil Lagomarsino	A Nação	1944
Manual de español: gramática, história literária, antologia) – curso completo para os exames de licença	Idel Becker	Companhia Editora Nacional	1945
Español: gramática y antología	Aristóteles de Paula Barros	Companhia Melhoramentos de São Paulo	1948

Fonte: os autores

A escolha da obra de Pozo y Pozo, de 1943, se deu pelo fato de, neste referido ano, esta ser a única fonte que temos. Talvez essas obras sejam de difícil acesso por esse período abrigar os primeiros materiais do chamado *boom*.

A escolha dos livros de Jucá Filho e Lagomarsino, obras de 1944, se justificam porque, primeiro, Jucá Filho é um nome muito importante dentro da história da Filologia e da Linguística brasileira, fazendo parte, inclusive, da comissão que redigiu a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) de 1959. Segundo, Lagomarsino é um autor que, na década de 1940, publicou mais de um título – ainda que o posterior seja voltado à literatura.

A escolha do livro de Idel Becker para representar o ano de 1945 está ancorada no fato de essa obra ter tido, ao longo do século XX, pelo menos 37 reedições. Segundo Guimarães (2018), o *Manual de español* não se restringiu aos colégios secundários, mas também alcançou espaço em Faculdades de Filosofia e Letras.

Finalmente, para 1948, a obra de Barros foi a selecionada por ser de um dos poucos autores que, igualmente a Idel Becker e Raul Lagomarsino, publicou mais de uma fonte sobre língua espanhola durante os anos 40 do século passado (cf. Quadro 1).

Selecionadas as fontes, passamos a suas interpretações. Nosso objetivo é o de verificar o uso da metalinguagem na abordagem do elemento gramatical *lo* do espanhol nas publicações dos anos 1940. Observaremos, para tanto, a classificação dos artigos, já

que esta é a classe de palavras em que geralmente o *lo* está localizado – seja pelo imaginário curricular em torno desse elemento inserido no ensino do espanhol, seja pelas afirmações concretizadas por autores de gramáticas ao longo dos anos. Também nos interessam as explicações dadas pelos autores acerca dos usos do *lo*.

O “lo” em 5 obras didáticas da década de 1940 no Brasil

- *Gramática Española*, Pozo y Pozo (1943)

Em Pozo y Pozo, o *lo* é localizado no capítulo dos artigos, que por sua vez está na primeira parte do material, chamada de analogia. A denominação analogia merece destaque por se tratar de uma escolha terminológica que certamente carrega relação com a conhecida controvérsia grega “analogia vs. anomalia”: o grego é constituído por regularidades (analogias) ou por irregularidades (anomalias)? Vieira (2018) complementa com outra pergunta:

Em outros termos, todas as palavras da mesma categoria gramatical devem possuir idênticas terminações morfológicas e regularidades de relação entre forma e significado (pensemos, por exemplo, nas flexões dos verbos regulares do português), ou as irregularidades morfológicas e semânticas são incontornáveis e constitutivas da língua? (p. 26).

A analogia, então, é um princípio sobre o qual a gramática tradicional foi formulada, já que, na esteira da produção desses instrumentos no Ocidente, esse princípio foi utilizado para determinar a forma correta de uma palavra e, assim, “corrigir” as irregularidades. Graças a esse raciocínio, os paradigmas de diferentes classes e subclasses foram descobertos (VIEIRA, 2018).

Valendo-se dessa tradição, é provável que Pozo y Pozo tenha se filiado a essa noção para os títulos das partes de sua gramática. Pozo y Pozo chama de “analogia” o que mais adiante, dentro dos anos 1940 e dentro dos materiais de espanhol, seria chamado de “morfologia”.

Assim classifica Pozo y Pozo (1943) os artigos:

Quadro 3 – Classificação dos artigos segundo Pozo y Pozo (1943)

		Masculino	Feminino	Neutro
Determinados	Singular	el	la	lo
	Plural	los	las	-
Indeterminados	Singular	un	una	-
	Plural	unos	unas	-

Fonte: os autores

Notemos que na *Gramática Española*, o *lo* está classificado como parte dos artigos determinados. Ao contrário de outras obras, como veremos, não há explicações ou comentários sobre seu uso e/ou particularidades, mas apenas um único exemplo (“Lo paternal”).

- *El Castellano Contemporáneo*, de Cândido Jucá Filho (1944)

Em Jucá Filho (1944), um aspecto que merece destaque preliminar é o fato de essa fonte, já no título, entre parênteses, apontar para aspectos que envolvem gramática e textos. No entanto, “texto”, nesse livro, é exclusivamente o literário, que é apresentado ao leitor ao final de cada lição – partes em que a obra está dividida – como uma espécie de leitura deleite.

Os artigos aparecem na segunda lição e o autor os considera de dois tipos: determinados e indeterminados. O quadro 4 delinea uma configuração bastante semelhante à de Pozo y Pozo, exceto pela ausência do *lo* como neutro e pertencente aos determinados – aliás, em Jucá Filho, há a total ausência do *lo* como propriamente um artigo:

Quadro 4 – Classificação dos artigos segundo Jucá Filho (1944)

		Masculino	Feminino
Determinados	Singular	el	la
	Plural	los	las
Indeterminados	Singular	un	una
	Plural	unos	unas

Fonte: os autores

Jucá Filho (1944, p. 19) afirma que “algunos acrecientan un artículo neutro determinado ‘lo’. Lo consideraremos pronombre”. Ou seja, apesar de reconhecer que alguns gramáticos consideram o *lo* como artigo determinado, Jucá Filho prefere considerá-lo como pronome, assim como o fizeram, segundo o próprio autor, Andrés Bello e Rufino Cuervo, responsáveis pela *Gramática de la lengua castellana* (edição de 1870). Nessa perspectiva, acrescenta Jucá Filho que *lo* é uma redução do pronome *ello*.

Nas páginas correspondentes ao estudo dos pronomes, precisamente dos “pronomes para coisas”, o estudioso descreverá as possibilidades de uso do *lo*, a saber: a) como uma expressão adjetiva (“*lo agradable*”); b) como correspondência ao “como” do português (“*¿Lo melancólica que está esta ciudad!*”) e c) como equivalência ao “eso” (“— *Alguién observó que ciertos hombres tienen la mirada líquida. – No entiendo lo de ‘mirada líquida’. ¿Me lo explicas?*”).

- *Gramática Castellana*, de Raul G. Lagomarsino (1949 [1944])

Assim como Pozo y Pozo, Lagomarsino (1949 [1944, p. 24]), em sua segunda edição, também considera a analogia como parte da gramática: “La analogía nos enseña el valor de las palabras consideradas aisladamente, con todos sus accidentes y propiedades”. O autor inclui na Analogia o estudo dos artigos. Estes, por sua vez, abarcam o *lo* como parte integrante:

Quadro 5 – Classificação dos artigos segundo Lagomarsino (1944[1949])

		Masculino	Feminino
Determinante	Singular	el	la
	Plural	los	las
Indeterminante	Singular	un	una
	Plural	unos	unas
Indefinido ou neutro	Singular	lo	
	Plural	-	

Fonte: os autores

O autor considera *lo* como artigo indefinido ou neutro e acrescenta que seu uso determina qualidades atribuídas a coisas tomadas abstratamente. Continua com a seguinte ressalva: “Solo un artículo indefinido o neutro existe en castellano: **lo**, sin plural. – Puede confundirse con el pronombre **lo**, por lo que es necesario atender al papel que desempeña en la oración para clasificarlo correctamente” (LAGOMARSINO, 1949, p. 30, grifos do autor).

Com isso se nota que o *lo*, nessa fonte, ao mesmo tempo em que recebe uma classificação possivelmente até então inédita (indefinido), também abre espaço para a discussão sobre a imprecisão dessa mesma classificação. Isto é, assim como alertado em Jucá Filho (1944), o *lo*, para Lagomarsino, pode talvez ser considerado um pronome.

- *Manual de Español*, de Idel Becker (1945)

Becker (1945) situa o estudo dos artigos em *Taxeonomia*, termo raro entre as gramáticas da década. Seguindo uma tendência da maioria das fontes até aqui apresentadas, o *lo* está localizado nos artigos:

Quadro 6 – Classificação dos artigos segundo Becker (1945)

		Masculino	Feminino	Neutro
Definido, Determinante ou Determinado	Singular	el	la	lo
	Plural	los	las	-
Genérico, Indefinido, Indeterminado	Singular	un	una	-
	Plural	unos	unas	-

Fonte: os autores

Nessa altura do seu manual, o autor abre uma seção para comentar o artigo neutro, dizendo, primeiramente, que esse é um legítimo orgulho para o castelhano, pois não há equivalência desse elemento em outras línguas neolatinas. Segundo Becker (1945, p. 40), “deu-se nestas a confusão gráfica do neutro com o masculino”, que pode, todavia, ser traduzido corretamente sem problemas no sentido original. O autor exemplifica: “‘Lo difícil de la cuestión’, em espanhol, diz o mesmo que a frase ‘o difícil da questão’, em

português” (BECKER, 1945, p. 40). Ainda nessa página, Becker comenta algo a que já nos referimos como uma das maiores dificuldades do brasileiro aprendiz de espanhol em relação ao neutro: a troca do *el* pelo *lo* (el pasado – lo pasado). Quanto a isso, o autor se apoia na Real Academia Española (RAE) para dizer que esse uso se trata de um solecismo⁶.

Em seguida, ao neutro são incorporadas algumas regras de uso, a saber: a) “antepõe-se aos adjetivos para transformá-los em substantivos abstratos: Lo hermoso (equivalente a la hermosura)”⁷; b) “a forma neutra do artigo também pode ser usada com substantivos, advérbios e outras locuções”⁸ (BECKER, 1945, p. 41).

Ao final desta seção, há uma nota afirmando que o conteúdo do *lo* será retomado em pronomes, especificamente na seção “as palavras LO e QUE”. Ou seja, Becker, assim como apontado por Jucá Filho e Lagomarsino, também abre caminho para a discussão sobre a classificação do neutro, não o fixando exclusivamente em artigos.

- *Español – gramática y antología*, de Aristóteles de Paula Barros (1948)

O *lo* na obra de Barros (1948) está no capítulo *artigos*, o que segue uma linha semelhante ao que já vimos:

⁶ Na esteira do pensamento dos gramáticos tradicionais latinos, Becker (1945, p. 132) afirma ser solecismo “qualquer infração às regras sintáticas de concordância, regência ou construção, quando não traz vantagens nem visa efeitos artísticos – mas atenta contra a exatidão e a pureza do idioma”.

⁷ Nesse tópico, Becker (1945, p. 41) se utiliza de uma citação de Rufino Cuervo para ratificar seu comentário, mas não cita o nome da obra nem o ano de publicação: “Aquí notaré – diz Cuervo – que el adjetivo neutro presenta las cualidades más en abstracto que el sustantivo correspondiente: al decir LO BUENO, se ofrece al entendimiento una cualidad claramente desprendida de su sujeto; en LA BONDAD, por el mero hecho de su carácter léxicamente sustantivo, no aparece tan a las claras la falta del sujeto” (destaques do autor).

⁸ Para este caso, Becker (1945, p. 41) dá exemplos copiados de Andrés Bello, provavelmente de sua *Gramática de la lengua Española*: “Todo fue grande en aquel príncipe, LO rey, LO capitán, LO santo” (destaques do autor); “Lo a la ligera que escribe”.

Quadro 7 – Classificação dos artigos segundo Barros (1948)

		Masculino	Feminino
Definidos	Singular	el	la
	Plural	los	las
Indefinidos	Singular	uno	una
	Plural	unos	unas
Neutro	Lo		

Fonte: os autores

Como se nota, o autor chama os artigos de definidos e indefinidos, nomes até então inéditos dentro da exposição empreendida até aqui. Também classifica o *lo* como um elemento à parte, não inserido nos definidos. Barros (1948, p. 15) comenta o seu uso:

Este artículo puede ser usado:

- a) Delante de los adjetivos elevados a sustantivos abstractos: *lo bueno, lo hermoso, lo alto*.
- b) Antes de los sustantivos apelativos que se adjetivan: “Todo fue grande en San Fernando, *lo rey, lo capitán, lo santo*” (Bello).
- c) Delante de cualquier otra parte de la oración tomada de modo indefinido o genérico: “tiemblo *lo* mucho que peligré en aquel lance (Acad.). (itálicos do autor).

Na pequena explicação de Barros (1948), é importante considerar, assim como em Jucá Filho e em Becker, a influência explícita da RAE e do gramático Andrés Bello (note-se que Barros utiliza até o mesmo exemplo que Becker deu três anos antes). Também é interessante perceber que, na terceira possibilidade de uso do neutro (letra c), Barros afirma que este aparecerá em qualquer outra parte da oração tomada de modo indefinido ou genérico, isto é, Barros utiliza as mesmas formas de classificação que Becker conferiu aos artigos *un, unos, una, unas*. Se isso não abre discussão para se pensar na validade da classificação de Becker ou de Barros a respeito dos indefinidos, ao menos lança luz sobre uma “reclassificação” do *lo* de modo geral.

Interpretação: a metalinguagem em torno do “lo” nas fontes analisadas

A exposição feita acima, acerca do uso da metalinguagem para o elemento espanhol *lo* e sua tradicional relação com os artigos, pode ser esquematizada no quadro a seguir:

Quadro 8 – Os artigos nas cinco fontes analisadas

Fonte	el/los/la/las	un/unos/una/unas	lo
Pozo y Pozo (1943)	Determinados	Indeterminados	Determinado
Jucá Filho (1944)	Determinados	Indeterminados	Pronome
Lagomarsino (1949 [1944])	Determinante	Indeterminante	Indefinido
Becker (1945)	Definido Determinante Determinado	Genérico Indefinido Indeterminado	Definido Determinante Determinado
Barros (1948)	Definidos	Indefinidos	(Neutro - classificação independente)

Fonte: os autores

Pelas afirmações remetidas até então, e também pelo quadro síntese construído acima, é perceptível a falta de consenso quanto à classificação do elemento *lo* entre os autores dos materiais didáticos de espanhol da década de 1940 no Brasil. De maneira geral, em diferentes anos, o “*lo*” foi classificado como pertencente aos artigos determinados, definidos, indefinidos, e também como independente, à parte, como simplesmente “neutro”.

Outro aspecto importante a ser comentado é o fato do *lo* também poder ser classificado como um pronome – ou pelo menos ter seu estudo também vinculado a essa classe de palavra. De todos os autores aqui analisados, Jucá Filho (1944) é o que assevera sua posição nesse sentido. Lagomarsino (1949 [1944]) e Becker (1945) não são categóricos nessa linha de pensamento, mas a aventam como uma possibilidade.

Vale ressaltar, também, que nem todos os autores exploram, de maneira minimamente uniforme, os usos do *lo* espanhol. Em Pozo y Pozo (1943), se nota, apenas, um único exemplo em que o *lo* é usado, sem maiores explicações. Em Jucá Filho (1944), o *lo* é apontado como fundamental para configurar expressões adjetivas e como

substituto de termos numa oração – mesmo que dentro da obra isso seja explanado sempre a partir da tradução para o português. Lagomarsino (1949 [1944]) autoriza o uso do *lo* diante de coisas abstratas para se conferir, desse modo, ideias de qualificação. Becker (1945) e Barros (1948) também fazem a mesma consideração – à diferença que Barros acrescenta a noção de “substantivos apelativos que se adjetivam”, e o uso em “qualquer parte a oração tomada de modo indefinido ou genérico” (p. 15).

Assim, é notório que, para além das diversas classificações do *lo* espanhol nessas fontes, a mostra sobre seus usos também parece diversa, problema esse já apontado por Eckert (2016), só que com materiais de espanhol publicados a partir dos anos 2000. Esses dois aspectos somados (a variedade taxonômica e a variedade de explicações no que compete ao uso do *lo*) dão “a cor” dos materiais analisados: embora originados pela mesma motivação, que é a portaria ministerial 127/1943 (a maioria dessas obras, inclusive, imprimia, em suas páginas iniciais, o programa de espanhol determinado pela lei), a construção dessas fontes obedece, aparentemente, à formação acadêmica desses autores e, com isso, suas noções de gramática (vide a constância, por exemplo, de “analogia”, referindo-se ao que hoje concebemos como morfologia em dois dos cinco títulos).

Também é importante frisar que a maioria dos autores se preocupava em considerar o *lo* a partir do contraste com o português, numa clara referência ao público-alvo dos livros, que era o professor e o estudante brasileiros. Nota-se, contudo, que, no tocante a este elemento gramatical, essa direção didática era insuficiente ou até mesmo inexistente, muito provavelmente pelo fato de no português não existir esse suposto artigo. Ao mesmo tempo, o contraste com o português revela a preocupação de fundamentar um material que toma o espanhol como língua estrangeira. A assunção dessa posição dialoga grandemente com o contexto social e político em que surgiram esses livros.

A citação de autores de referência em algumas fontes também lança luz em torno da necessidade de legitimação das afirmações sobre o espanhol constante nesses materiais. Isso costumou acontecer justamente nos momentos em que os autores discorreram sobre pontos polêmicos, como a “redireção” do *lo* para a classe dos pronomes, deslocando-os dos artigos. Atualmente, já existem sistematizações que

garantem o *lo* como, também, pertencente a essa classe. É o que aponta a RAE (2018, p. 110 grifos dos autores):

Los demostrativos neutros. *Esto, eso y aquello* carecen de variación numérica y son siempre pronombres. Su referente suele ser una entidad que no se desea nombrar o cuyo nombre se desconoce (*Dame eso*). También se utilizan para referirse a lo dicho o hecho en un contexto previo: *Esto no te lo consiento*. *Aquello* alterna con el artículo neutro *lo* ante una oración de relativo: *Haré {aquello – lo} que sea necesario*. En esta posición pierde el sentido de ‘lejanía’ y, al igual que el artículo determinado, aporta un carácter definido a la expresión.

Nesse sentido, é perceptível que a diversidade de classificação, bem como o não consenso entre os autores dos anos 1940, dão o tom para as abordagens que conhecemos, pela experiência, em discursos docentes e, concretamente, em obras didáticas de língua espanhola hoje. Vale frisar que essa profusão terminológica também caracterizava, na década sob análise, a gramaticografia tradicional brasileira, cuja terminologia só seria unificada em decorrência da Portaria Ministerial Nº 36, publicada em janeiro de 1959, que recomendava “a adoção da Nomenclatura Gramatical Brasileira [NGB] no ensino programático da Língua Portuguesa e nas atividades que visem à verificação do aprendizado, nos estabelecimentos de ensino” (BRASIL, p. 1).

Considerações finais

No presente artigo, percorremos os três princípios historiográficos, propostos por Koerner (1996), para a análise da metalinguagem do *lo* em publicações didáticas do espanhol na primeira metade do século XX. Pudemos constatar que o contexto legal impulsionou a inserção dessa língua estrangeira no ensino secundário brasileiro, assim como os conteúdos que deveriam estar presentes na prática dos professores e nos materiais didáticos a partir de então publicados. Isso concretiza a relação entre os instrumentos linguísticos e o contexto histórico em que se inserem.

Pudemos também observar os aspectos internos dessas fontes, a partir do exame minucioso acerca da localização do *lo* dentro das obras, sua classificação geral, tipos de

exemplos e considerações sobre os usos. A confrontação dos dados revela, entre outras questões, que Barros (1948), quanto à classificação, é o que mais se aproxima do que hoje se considera, tradicionalmente em materiais e na prática docente, como artigos do espanhol – ainda que não se possa negar que todas as afirmações anteriores, ditas pelos outros autores, também fazem sentido para o atual consenso entre as academias de língua espanhola no mundo.

Apesar de os autores em questão observarem o castelhano como uma língua estrangeira no Brasil (vide a preocupação em sempre contrastá-lo com o português), esse movimento talvez apresente falhas por não considerar o espanhol uma realidade *per se*, mas uma obrigatória tradução da língua materna dos discentes. Isso é mais uma amostra da ideia que paira sobre os materiais de espanhol direcionados ao público brasileiro há pelo menos 100 anos.

No entanto, não nos cabe dúvida de que o presente artigo lança debates sobre o fato de que a difusa classificação do *lo* espanhol, assim como a indicação de seus usos, tem gerado, até hoje, desafios em torno da elaboração de material didático e, óbvio, da didatização desse conteúdo em salas de aula pelo país.

Referências

- ALONSO, M. C. Multidimensionalidade, complexidade e dinamismo em historiografia linguística e em sua definição do conceito *tradição*. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 1, 2012, p. 71-86.
- ALTMAN, Cristina. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. *Revista argentina de Historiografía Lingüística*. v.1, n. 2, 2009.
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- BARROS, Aristóteles de Paula. *Español: gramática y antología*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1948.

- BECKER, Idel. *Manual de Español: gramática, história literária, antologia – curso completo para exames de licença*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Diário Oficial de 11/05/1959.
- CELADA, María Teresa. *O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira*. Tese (doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo, 2002.
- DANNA, Stela Maris Detregiacchi Gabriel. *Metalinguagem e escolha de retórica em Bello (1853[1847]) e Said Ali (1919[1908]): faces dos estudos gramaticais na América do Sul*. Dissertação (mestrado em Linguística). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2014.
- ECKERT, Kleber. O artigo neutro da língua espanhola nos livros didáticos de Ensino Médio/Técnico. *Língua Tec*, Bento Gonçalves, v. 1, n. 1, p. 45-67, jun. 2016.
- GUIMARÃES, Anselmo. *Panaméricas Utópicas: a institucionalização do ensino de espanhol no Brasil (1870-1961)*. São Cristóvão: Editora UFS, 2016.
- _____. *História dos livros didáticos de espanhol publicados no Brasil (1919-1961)*. Tese (doutorado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.
- GUIMARÃES, Anselmo; FREITAS, Luciana Maria Almeida de. Memória do livro didático de espanhol no Brasil: um panorama. In: BARROS, Cristiano Silva de; MARINS-COSTA, Elzimar Goettenauer de; FREITAS, Luciana Maria Almeida de (Orgs.). *O livro didático de espanhol na escola brasileira*. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- JUCÁ FILHO, Cândico. *El castellano Contemporáneo: gramática e textos*. Rio de Janeiro: Editora Panamericana S/A, 1944.
- KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da Anpoll*, n. 2, p. 45-70, 1996.
- _____. O problema da metalinguagem em historiografia da linguística. In: KOERNER, E. F. K. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Trás-os-Montes e Alto Douro: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014. p. 75-90.
- LAGOMARSINO, Raul Gil. *Gramática Castellana: para uso nos cursos dos colégios brasileiros*. Porto Alegre: A Nação, 1949 [1944]. 2ª ed.

MASIP, Vicente. Origen del artículo portugués y español: aplicaciones didácticas. In: SEDYCIAS, João. *O ensino de espanhol no Brasil: passado, presente, futuro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. *Gramática española para brasileños: fonología, ortografía y morfosintaxis*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

ORLANDI, Eni. *História das Ideias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e construção da língua nacional*. Mato Grosso: UNEMAT Editora, 2001.

POZO Y POZO, Adolfo. *Gramática Española: para os alunos do ciclo colegial, admissão nas faculdades de Filosofia e demais escolas superiores*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1943.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva gramática básica de la lengua española*. Asociación de academias de lengua española. Barcelona: Espasa libros S.L.U, 2018.

SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista argentina de historiografía lingüística*, I, 1, 67-76, 2009.

_____. Le métalangage de la linguistique: réflexions à propos de la terminologie et de la terminographie linguistiques. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 2-29, 2010.

VIEIRA, Francisco Eduardo. *A gramática tradicional: história crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

Recebido em 12/08/2020.

Aprovado em 30/12/2020.